



AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM BRINCADEIRAS ESCOLARES NA ESCOLA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA

Waldilson Duarte Cavalcante de Barros (1); Paula Almeida de Castro (2)

Universidade Estadual da Paraíba. E-mails: waldilsonduarte@hotmail.com (1); paulaalcastro@terra.com.br(2)

Resumo: Este artigo tem como objetivo contribuir para a discussão da temática de gênero e educação no contexto escolar. A pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada durante o mês de julho de 2016 para a realização do artigo final da disciplina Etnografia e Educação na Prática Docente sob a orientação da professora Dr. Paula Almeida de Castro, desenvolvida no curso de Mestrado Profissional em Formação de Professores na Universidade Estadual da Paraíba. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado a abordagem etnográfica que prevê a utilização de diferentes instrumentos de coleta de dados. Neste caso, utilizamos a observação. Foram pesquisadas duas turmas do ensino fundamental I 4º e 5º anos de uma escola pública municipal localizada na área urbana de Alagoa Grande, Paraíba. A escolha da escola se deu pelo fato de ser a instituição escolar onde trabalho e por considerar que ela oferece elementos fundamentais para a constituição do trabalho que foi pesquisar as relações de gênero que são construídas em meio às brincadeiras durante o recreio escolar. Desta forma, tem papel importante na construção das identidades de gênero dos/as estudantes, porém não é a única instituição responsável por esta construção. Outras instituições, como a família e a igreja, além da mídia e do convívio em sociedade contribuem de forma significativa para esta construção. O recorte dessa pesquisa será a análise do contexto escolar. Assim, o artigo versará sobre o papel da escola nesta construção, porém reportando as demais instâncias que constituem os sujeitos. Com este olhar adentrei no espaço destinado ao recreio escolar para observar como são construídas as relações de gênero entre alunos e alunas através das brincadeiras. Portanto, trago para este artigo uma parcela dos resultados que conseguimos coletar através de uma abordagem etnográfica de pesquisa, fruto da observação participante para analisar as relações que foram construídas no espaço do recreio. Enfim, Um olhar pouco atento concluiria que o recreio é um espaço pleno de liberdade, mas as observações desenvolvidas colocam isto em discussão. Após relacionar os dados obtidos no universo empírico com o contexto teórico dos estudos de gênero, acredito ter sido possível mostrar o quanto as crianças não são tão "livres e espontâneas" dentro dele. Digo isto por considerar que, no recreio, as crianças brincam, falam e silenciam aquilo que aprendem que pode ser *brincado*, falado ou silenciado dentro de uma instituição social e generificada como é a escola.

Palavras-chave: Escola, Relações de Gêneros, Recreio, Análise Etnografia.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo contribuir para a discussão da temática de gênero e educação no contexto escolar. A pesquisa que deu origem a este artigo foi realizada durante o mês de julho de 2016 para a realização do artigo final da disciplina Etnografia e Educação na Prática Docente sob a orientação da professora Dr. Paula Almeida de Castro, desenvolvida no curso de Mestrado Profissional em Formação de Professores na Universidade Estadual da Paraíba.



Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado a abordagem etnográfica que prevê a utilização de diferentes instrumentos de coleta de dados. Neste caso, utilizamos a observação.

Foram pesquisadas duas turmas do ensino fundamental I 4º e 5º anos de uma escola pública municipal localizada na área urbana de Alagoa Grande, Paraíba. A escolha da escola se deu pelo fato de ser a instituição escolar onde trabalho e por considerar que ela oferece elementos fundamentais para a constituição do trabalho que foi pesquisar as relações de gênero que são construídas em meio às brincadeiras durante o recreio escolar.

A escolha das turmas se deu com base nas observações realizadas na escola, percebendo as interações dos alunos e alunas do 4º e 5º anos por estarem sempre juntos na hora do recreio realizando as suas brincadeiras. Fizemos observações durante uma semana.

A possibilidade de se conhecer sobre esta temática me levou a pesquisar as relações, interações que são permeadas no recreio escolar fruto das brincadeiras vivenciadas pelos alunos (as). Outro fator a influenciar foi o valor que atribuo às atividades recreativas para o processo de aprendizagens dos alunos (as). Por isso, que me desperta interesse em estudar esta temática.

Os resultados deste estudo deixam-me feliz e preocupado ao mesmo tempo. Feliz por apresentar um trabalho que pode contribuir com a reflexão sobre o tema e preocupado por perceber que ainda ocorrem situações de discriminação e silenciamento de uma parcela significativa da população escolar (as meninas), quando são elaborados discursos reforçando que existem brincadeiras para meninos e para meninas, inviabilizando a oportunidade de haver uma maior interação dos sujeitos envolvidos nestas atividades recreativas.

Para a realização desta pesquisa partimos do pressuposto de que o gênero é uma das categorias importantes nos estudos sobre a sociedade. A categoria gênero pode ser entendida “como uma linguagem, uma forma de comunicação e ordenação do mundo, que orienta a conduta das pessoas em suas relações específicas, e que é, muitas vezes, base para preconceitos, discriminação e exclusão social” (SIMIÃO, 2005: p. 13).

Para Felipe e Guizzo (2003, p. 121), gênero está “relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos ao ser mulher ou ao ser homem em diferentes sociedades e épocas”. Já Scott (1995) considera que as relações de gênero são também relações de poder.

Para este artigo, parte-se do pressuposto de que o gênero é social e culturalmente construído. Representa e estabelece relação de poder entre os sujeitos de cada gênero e mesmo entre sujeitos do mesmo gênero (SCOTT,



1995; COSTA, 1994). Assim, todos os segmentos da sociedade contribuem para esta construção, inclusive a escola e os sujeitos que nela atuam.

Com relação à escola, parte-se do pressuposto de que ela não atua somente como mantenedora da cultura dominante e das regras estabelecidas pela sociedade. Pode ser um instrumento importante na transformação de tais normas para assegurar a todos/as o direito à educação.

Desta forma, tem papel importante na construção das identidades de gênero dos/as estudantes, porém não é a única instituição responsável por esta construção. Outras instituições, como a família e a igreja, além da mídia e do convívio em sociedade contribuem de forma significativa para esta construção. O recorte dessa pesquisa será a análise do contexto escolar. Assim, o artigo versará sobre o papel da escola nesta construção, porém reportando as demais instâncias que constituem os sujeitos. Com este olhar adentrei no espaço destinado ao recreio escolar para observar como são construídas as relações de gênero entre alunos e alunas através das brincadeiras. Portanto, trago para este artigo uma parcela dos resultados que conseguimos coletar através de uma abordagem etnográfica de pesquisa, fruto da observação participante, para analisar as relações que foram construídas no espaço do recreio.

CONTEXTUALIZANDO O LÓCUS DA PESQUISA

A nossa pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública municipal de Alagoa Grande – PB, localizada na zona urbana. A escola alvo de estudo funciona nos turnos manhã e tarde que vai desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental I e II..

Os sujeitos colaborados deste processo de pesquisa foram alunos de duas turmas, 4º e 5º anos do turno da tarde. O espaço de observação aconteceu durante o recreio. Momento especial para os alunos que é a hora das brincadeiras, diversão, prazer e alegria. O horário do recreio acontece das 15 horas as 13 e 30 minutos.

Com relação ao gênero a maioria dos alunos é do sexo masculino. A faixa etária dos se enquadra entre 9 a 15 anos. Em conversa com os professores as turmas possuem alunos que moram tanto na zona urbana quanto na rural.

A pesquisa aconteceu durante uma semana no mês de julho entre os dias 11 a 15. Como o foco foi a observação participante no espaço do recreio para que possamos analisar as relações de gêneros que são construídas durante as



brincadeiras escolares, foi necessário um atenção, um olhar diferenciado que nos desse as condições necessárias para a efetivação do referido estudo.

Para efeito de sistematização da pesquisa procuramos o diretor da escola. Nesta procura explicamos o objetivo da pesquisa e seus desdobramentos. O diretor muito agradável ficou a disposição para a efetivação dos trabalhos.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: DESCRIÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS ESCOLARES

As observações teve seu início no dia 11 de julho do ano em curso. Como o recreio começa às 15 horas, já foi possível a minha estadia desde o início das aulas. A intenção de chegar mais cedo teve o intuito de observar com mais precisão o espaço destinado ao recreio antes da presença dos alunos. Este momento foi interessante, pois foi possível ter uma visão do espaço como mobilizador das ações, brincadeiras nele desenvolvidas.

O recreio configura-se como um espaço que possui particularidades especifica não só em relação ao momento que possibilita de ser vivenciado, mas a aqueles significados/sentidos que configuram a comunidade escolar em particular. Também, em relação entre a escola e a sociedade na qual a instituição se encontra inserida. No espaço escolar onde eu observei, os recreios tinham uma duração de trinta minutos. Neste recreio participava muitas crianças, mas como o nosso foco era duas turmas do 4º e 5º anos as observações foram direcionadas para estas turmas, haja vista o envolvimento de ambas nas brincadeiras durante recreio.

Nas observações percebemos algumas características do recreio que para efeito de análise podemos dizer que o recreio representa possíveis ações como: barulho, agitação, correria, brincadeiras, risadas, batidas, conversa, jogos, violência, empurrões, brigas, gritaria, machucado, dentre outras.

Com relação essas possíveis ações que concluímos como pertencente do recreio, observamos que o espaço que os/as alunos/as utilizam é de transição onde qualquer lugar permite o desenvolvimento das brincadeiras. Percebemos que as crianças correm de um lado ao outro, brincando, conversando, correndo, pulando, etc. Enfim, o que elas fazem? De que elas brincam? Todos brincam as mesmas brincadeiras? Como é a ocupação do espaço? Como tudo isso se relaciona com meninas e meninos?

Quando chega a hora do recreio, comprovamos que com o toque da campainha é um momento muito especial para as crianças. Correm



para o pátio para gastar suas energias nas brincadeiras. Brincam das mais variadas brincadeiras. Meninos com meninos, meninas com meninas e algumas brincadeiras de meninos com meninas em especial na brincadeira de futebol. Nestas brincadeiras o futebol nos chamou a atenção. Uma menina gosta de futebol e nem todos os meninos aceita ela jogar pelo fato de ser menina. Fica a chamando de mulher macho. Teve um momento nas observações da brincadeira do futebol que a menina do 5º ano não mediu esforço. Um menino do 4º ano xingando a menina de mulher macho ela partiu para bater no menino. Depois a menina foi chamada atenção para falar o porquê ter batido no menino. A menina falou: “ *Eu gosto de jogar bola e todo mundo precisa me respeitar. E ele não me respeitou por isso bati para ele aprender e não fazer isso mais com ninguém*”.

Nesse sentido, com o desenvolvimento das brincadeiras durante o momento do recreio temos um arsenal de aprendizagens, pois este espaço proporciona vida, espontaneidade e liberdade.

Depois de minhas observações posso afirmar que essas aprendizagens fruto do recreio oportunizam o desenvolvimento de atitudes, valores, progresso, conquistas e que as brincadeiras na escola vivenciadas por meninos e meninas constroem desempenho, papéis representações diante das relações construídas entre os gêneros.

Portanto, além de constituir um espaço no qual institui os sujeitos, a escola determina os espaços de liberdade. Os múltiplos sentidos das práticas observadas no recreio permitem refletir que as crianças não são tão livres assim, seja pelo fato de que são objetos de um controle por seus pares, seja porque elas são obrigadas a frequentar o recreio.

DISCUSSÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

As sociedades estabelecem modelos de conduta específicos e distintos para as pessoas em função do seu sexo. Isso tem determinado estereótipos rígidos a respeito do que é ser homem ou mulher. O uso do conceito de gênero relativiza e questiona essa determinação, distinguindo a dimensão biológica dos atributos culturais de cada um dos sexos. Neste sentido percebemos que o gênero enfatiza a perspectiva relacional e a escolha cultural na construção das várias formas de ser homem e mulher.

Assim, a escola por ser um local privilegiado de formação de conhecimentos, habilidades, atitudes, é uma local de vida, prazer, interações, socializações e trocas de experiências. Logo, frente a essas questões a categoria



de gênero precisa ser discutida no ambiente escolar, para que os atores sociais, em especial os docentes, possam compreender essas relações de forma que estejam aptos a construir conhecimentos sobre as relações de gênero e suas implicações no processo ensino e aprendizagem.

Então, nessa perspectiva a nossa questão de pesquisa objetiva investigar quais as concepções que os professores dos anos iniciais de uma escola pública municipal de Alagoa Grande – Paraíba tem sobre as relações de gênero dentro da sua atuação docente e como essas questões interferem ou contribuem no processo de ensino e aprendizagem?

Assim, a maneira como nos entendemos como sujeito sexual está entrelaçada com a maneira como também nos entendemos como homens e mulheres, já que como explica Butler(1987):

O gênero é um modo de existir o próprio corpo, e esse corpo é uma situação, um campo de possibilidades a um tempo recebidas e interpretadas, então o gênero e sexo parecem ser questões inteiramente culturais”. (p.145).

Portanto, podemos observar que essas instâncias, relações de gênero e sexualidade, emergem de nosso cotidiano, como exemplo, a escola. Nesse contexto, pensamos que as concepções que os professores possuem sobre relações de gênero e, conseqüentemente, sexualidade fazem parte das relações pedagógicas, ou seja, da forma como conduzem esses assuntos e também como se posicionam sobre esses temas.

Assim, utilizando-se Louro (2003), concordamos com a ideia de que “[...] as formas adequadas de fazer, de meninos e meninas, homens e mulheres ajustados/as aos padrões das comunidades pressupõem uma tensão redobrada sobre aqueles e aquelas que serão seus formadores e formadoras”. (p. 106)

Neste prisma, fica comprovada que na observância do cotidiano da escola frente aos formadores e formadoras dos alunos (as) é perceptível a diferenciação nas relações sociais entre meninos e meninas, como por exemplo, em atividades propostas na sala ou então no intervalo da aula.

Com base nestas informações aos poucos, vão sendo constituídas e reforçadas por visões enraizadas e tidas como naturais, envolvendo a desigualdade nas relações de gênero.

Segundo Auad (2006), Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde



às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas (p. 19).

Nesta perspectiva, é importante ter presente que

[...] não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 2008, p. 21).

Diante do exposto, Connel (1995) contribui afirmando que,

toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto (p. 190).

Nesse sentido, de acordo com Auad (2006, p. 39),

as diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. Meninas que aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo (p. 39).

Portanto, pode-se perceber, mediante a citação da professora Auad (2006), que o comportamento diferenciado de meninas e meninos é aceito como natural, ou seja, não há um questionamento se isto sempre foi assim, ou se pode ser mudado; ao contrário, se trabalha com o fato de este comportamento ser normal e de existirem diferentes formas de aproveitamento escolar em decorrência destes.

Logo, a escola é um espaço importante para se aprofundar este debate, assim como ainda continua sendo um mecanismo de manutenção da “ordem estabelecida”.

Por isso, segundo Carvalho (1999):

Proporcionar espaços de formação, de leitura e discussão, pode ser um importante passo para a aproximação da igualdade entre homens e mulheres. A escola, de modo especial, poderá contribuir para que isto de fato se concretize “à medida que caminhar na direção de uma educação não-sexista, que contribua para a superação de preconceitos e para a construção de pessoas comprometidas com a igualdade de direitos entre os sexos (p. 21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o que foi desenvolvido com este estudo, não poderíamos considerar o recreio como algo que está dado, um espaço homogêneo de atividades *livres*, mas sim um espaço em que a diversidade se faz presente nas interações entre os meninos e meninas representando



um espaço de divertimento e prazer onde as ações dos sujeitos são livres.

Não entanto, procuramos observar e analisar a multiplicidade de sentidos possíveis de serem atribuídos às brincadeiras no recreio. Considerando que este espaço se constitui um espaço cultural e educativo, onde se produz uma cultura específica, e onde interagem mecanismos de controle da sociedade na qual a escola se encontra inserida, estes que inscrevem particularidades nos sujeitos.

Nesse sentido, este trabalho podemos refletir sobre aqueles significados que são atribuídos socialmente às brincadeiras e que se encontram permeadas por relações de gênero. Desenvolvemos um estudo com a finalidade de observar como essas relações são construídas no espaço recreio através das brincadeiras vivenciadas pelos (as) alunos (as)

Deste modo, podemos entender como se espera determinados comportamentos específicos tanto para meninas como para meninos, refletindo acerca de como brincadeiras, brinquedos, vestimentas e gestos podem ser observados para identificar preferências generificadas.

Podemos entender, também, que estas preferências, esses corpos e expressões são construídos social e historicamente, conformados por processos cotidianos que atribuem, *com naturalidade*, características às identidades como se estas fossem fixas e homogêneas.

Neste sentido, o recreio constitui uma instância educativa não intencional e não oficial, espaço no qual meninas e meninos aprendem sobre feminilidade e masculinidade. Um momento no qual os limites entre o fora-dentro da escola se misturam articulando significados atribuídos ao corpo e ao gênero, construindo modos de ser e configurando uma ocupação de espaços e brincadeiras diferenciadas.

Um olhar pouco atento concluiria que o recreio é um espaço pleno de liberdade, mas as observações desenvolvidas colocam isto em discussão. Após relacionar os dados obtidos no universo empírico com o contexto teórico dos estudos de gênero, acredito ter sido possível mostrar o quanto as crianças não são tão "livres e espontâneas" dentro dele. Digo isto por considerar que, no recreio, as crianças brincam, falam e silenciam aquilo que aprendem que pode ser *brincado*, falado ou silenciado dentro de uma instituição social e generificada como é a escola.

REFERÊNCIAS

AVILA, André H.; TONELI, Maria Juracy F.;
ANDALÓ Carmen S. de. A. Professores diante da

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



sexualidade-gênero no cotidiano escolar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 289-298, abr./jun. 2011.

CARVALHO, Marília Pinto de. A História de Alda: ensino, classe, raça e gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 89-106, jan./jun. 1999.

COSTA, Ana Paula; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de pedagogia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 475-489, mai./ago. 2011.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, Relação de Gênero e Diversidade Sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.

QUIRINO, Glauberto; ROCHA, João Batista T. da. Sexualidade e Educação Sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012. Editora UFPR.

LOURO, G. **Gênero, História e Educação**: construção e desconstrução. Educação e Realidade . Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

SCOOT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade. Porto Alegre, v. 2, n. 16, 1990.